



Revista Eletrônica de Filosofia
Philosophy Eletronic Journal
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 17, nº. 1, janeiro-junho, 2020, p.17-26
DOI: 10.23925/1809-8428.2020v17i1p17-26

DEWEY E A EMERGÊNCIA DA MENTE

Caio César Cabral

Doutor pelo programa de Pós-Graduação em Filosofia
do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo
caiock@gmail.com

Resumo: Neste artigo, nossa exposição da teoria de John Dewey acerca da emergência da mente tomará como norte a obra *Experiência e Natureza* (1925), pois é nela que as ideias do autor sobre a natureza da mente humana são expostas de forma mais cuidadosa e detalhada. Veremos que, para o filósofo, a mente, enquanto conjunto de significações e ideias, tem seu surgimento condicionado pelas atividades orgânicas e psico-físicas. Tem também como alicerce acontecimentos e objetos naturais existentes no ambiente em que o organismo humano está inserido. É, então, a partir de sua forte inserção na natureza que a mente forma o material direto do pensamento, sobretudo quando surgem a comunicação social e o discurso.

Palavras-Chave: Corpo. Mente. Linguagem. Comunicação. John Dewey.

DEWEY AND THE EMERGENCE OF THE MIND

Abstract: In this article, our exposition of John Dewey's theory on the emergence of the mind will take as its guideline the work *Experience and Nature* (1925). It is here that the author's ideas about the nature of the human mind are exposed in the most careful and detailed way. We will see that, for the philosopher, the mind, as a set of meanings and ideas, has its appearance conditioned by organic and psycho-physical activities. It also has as its foundation events and natural objects existing in the environment in which the human organism is inserted. It is, then, from its strong insertion in nature that the mind forms the direct material of thought, especially when social communication and discourse arise.

Keywords: Body. Mind. Language. Communication. John Dewey.

* * *

Introdução

Afirma Dewey que o homem vive neste mundo e que a natureza não existe sem o homem, nem o homem sem ela. Mas o homem está destinado a mudar a natureza e a dar-lhe significado; assim, garante-se contra a instabilidade da existência. Dado seu interesse pela biologia de sua época, Dewey vê o pensamento como resultante

do processo de evolução, e também identifica o conhecimento com o processo de “investigação”, o qual, no fundo, consiste numa forma de adaptação ao ambiente. O conhecimento, para ele, é prática que obtém êxito enquanto resolve problemas suscitados pelo meio. A própria inteligência é concebida por Dewey como constitutivamente operativa. Neste contexto, a mente, bem como o corpo, é para ele um órgão evoluído (na luta pela existência) a partir de formas de vida inferiores, o que revela que, para o nosso filósofo, tais elementos devem ser explicados pelo seu lugar e sua função no meio ambiente. A teoria evolutiva ensina que a criatura inteligente é parte do mundo, e que como tal só pode garantir sua própria segurança quando se torna capaz de familiarizar-se intelectualmente com as coisas ao redor, prevendo as futuras consequências do que se dá no presente. Para Dewey, é isto o que prepara o terreno para a pesquisa efetiva capaz de produzir conhecimento.

Neste contexto é que podemos conhecer a teoria naturalista de Dewey acerca da “mente”. Veremos que, para ele, as atividades orgânicas e psicofísicas, com suas qualidades, são condições que possibilitam o surgimento da mente (ou daquilo que é também chamado por Dewey de “espírito”. Em verdade, os dois termos estão presentes na exposição do filósofo, mas privilegiaremos o termo “mente” em nossa análise). Por “mente” entende Dewey um instrumento indispensável nas inquirições pelas quais o ser humano resolve problemas e se adapta ao meio em que vive. O que segue é uma análise dos conteúdos do capítulo VII de *Experiência e Natureza*.

I. O ser vivo organizado e sua “atividade psico-física”

A exposição que Dewey faz de sua teoria do conhecimento e de sua teoria da mente é de caráter tanto empírico quanto biológico. Primeiramente, ele afirma que a diferença entre as coisas viventes e as não-viventes consiste em que as atividades das primeiras caracterizam-se por necessidades, esforços e satisfações, o que não se verifica nas segundas. A necessidade é um estado de distribuição e tensão dos fatores orgânicos tal que o corpo se acha num estado de equilíbrio instável. O esforço é o fato de que tal estado se manifesta em ações que afetam e modificam os corpos ao redor, de modo que estes também afetam, por sua vez, o organismo, o que restabelece o equilíbrio. A satisfação é a recuperação do equilíbrio com as mudanças devidas à interação das necessidades ativas do organismo com o meio.

Quais as necessidades, por exemplo, de uma planta? Água, bióxido de carbono, etc. Ora, Dewey não vê relação entre tais necessidades e qualquer estado psíquico à parte de condições materiais. Estas necessidades denotam um estado de acontecimentos ou de tensão que produz certas mudanças, as quais alteram a conexão da planta com as coisas ao redor. A planta, pois, atua de certa maneira sobre estes objetos e recebe influências várias deles. O filósofo entende que a planta experimenta estados de perturbação do equilíbrio interno, os quais conduzem a certa atividade em relação às coisas circundantes, e só cessam após um ciclo de mudanças – tal cessação, destaca Dewey, é a satisfação que todo organismo vivente experimenta. Explica Dewey que a diferença entre a planta animada e a simples molécula de ferro não está em que a primeira tenha algo adicional aos fatores físico-químicos; está na forma como se acham conectados e com o quê operam tais fatores; por isso são *consequências* diferentes o que distingue, segundo Dewey, a atividade inanimada da animada. Nos corpos animados a recuperação ou restabelecimento do modelo de equilíbrio tem intrínseca relação com seu complexo processo ou história individual. Já nos corpos inanimados a saturação se produz

indiferentemente, não de modo a se manter uma norma ou padrão temporal de atividade. As interações das diversas partes constitutivas de uma planta ocorrem de modo a prolongar uma atividade caracteristicamente organizada; tendem a utilizar as consequências conservadas de atividades passadas, de modo que haja adaptação das mudanças subseqüentes às necessidades do sistema total a que estão ligadas.

A organização, então, é um fato, ainda que não haja, salienta Dewey, uma força organizadora original. O ferro enquanto tal apresenta tendências ou reações de característica seletiva, mas não manifesta tendência alguma a permanecer sempre ferro. Se o fizesse, ostentaria as condições de um corpo vivo e poder-se-ia denominá-lo, com justiça, organismo. Somente o ferro enquanto componente de um corpo organizado atua tendendo a manter o padrão ou tipo de atividade do organismo a que pertence.

A atividade de todo organismo vivente, no contexto ora exposto, é por Dewey designada como *psico-física*. Explica o filósofo que

psico-físico denota a presença conjunta, em uma atividade, da necessidade, do esforço e da satisfação [...]. Na palavra composta, denota o prefixo 'psico' que a atividade física adquire propriedades adicionais, relativas à aptidão para obter dos meios circundantes um tipo peculiar de satisfação interativa das necessidades. Psico-físico não denota uma abolição do físico-químico, nem uma estranha mescla de algo físico e algo psíquico [...]; denota a posse de certas qualidades e eficiências que não apresenta o inanimado (Dewey, 1958, p.254-5).

Ao considerar a relação entre o físico e o psíquico, Dewey chama a atenção para certos eventos empíricos caracterizados por qualidades e eficiências peculiares. Há, antes de mais nada, *organização*. A organização, segundo o filósofo, é apontada como uma característica empírica de certos eventos em seus vínculos sucessivos, e não deve ser vista como uma força metafísica que poderia ser concebida de modo semelhante ao que se costuma chamar de "alma".

Dewey considera a situação em que as atividades das partes de um organismo, relativas a um certo modelo de atividade, são de natureza tal que conduzem a perpetuar o referido modelo: é nesta situação que Dewey identifica a base da *sensibilidade*. Cada parte de um organismo participa de uma ordem, bem como as partes de cada parte, e todas exercitam sua tendência seletiva e discriminatória nas interações com as coisas ao redor para que tal tendência se mantenha, o que ajuda a manter também o todo que compõem. As raízes de uma planta entram, com as propriedades químicas do solo, em interações úteis à atividade da vida organizada; estas interações é que trazem, para o organismo, aquilo de que ele necessita. Esta presença geral e operante do todo na parte e da parte no todo constitui, segundo Dewey, a irritabilidade na vida da planta ou a capacidade de sentir. As respostas não são apenas seletivas, mas discriminatórias, sendo tal discriminação vista como essencial para a sensibilidade. Assim, com a organização, a tendência se torna interesse e a satisfação um bem.

Nos animais que têm capacidade de locomoção e órgãos receptores de longo alcance, Dewey vê a sensibilidade e o interesse realizados como sentimento, como sensação de incômodo ou bem estar. Um organismo capaz de se mover pelo

espaço ao redor está tão conectado ao remoto quanto ao próximo; quando os órgãos de locomoção vêm acompanhados por órgãos receptores de longo alcance, a resposta ao que está distante no espaço se torna uma expectativa ou predição de um contato posterior. Neste ponto é importante enfatizar que, na visão de Dewey, as atividades se diferenciam em antecipatórias e consumatórias, e o que se verifica neste quadro é uma tensão em que cada resposta preparatória contém já algo da atividade sexual ou de nutrição, por exemplo, a ser consumada. A sensibilidade se realiza então como sentimento; o prazer ou irritação com respeito ao útil e ao nocivo nas coisas ao redor se torna premonitório.

Por outra parte, a consumação de uma atividade ou a satisfação da necessidade traz consigo o prosseguimento de atividades preparatórias. A satisfação é acumulada e integrada, consolidada e conservada, e o bem estar que se alcança resume uma história. Para Dewey, “é característico do sentimento que, assim como pode existir em estado informe e sem distinções que o configurem, pode receber e sustentar distinções sem fim” (Dewey, 1958, p.257). Com a multiplicação das reações sensíveis e discriminatórias aos estímulos ambientais (o que equivale à diferenciação dos órgãos em receptores internos e externos) e com o aumento do alcance dos movimentos (equivalente ao desenvolvimento dos órgãos motores), variam os sentimentos em qualidade e intensidade.

Os animais complexos e ativos têm, portanto, sentimentos que variam em qualidade e em correspondência com as direções e fases – início, mediação, satisfação ou frustração – das atividades, todas elas enlaçadas de forma característica com os fatos ambientais. Salienta o filósofo que estas atividades são psico-físicas, apenas, e não mentais (ou seja, são atividades incapazes de abranger significações). Para Dewey, a vida é um caráter dos acontecimentos em um estado peculiar de organização, e o sentimento uma qualidade das formas de vida caracterizadas por mobilidade complexa.

II. A linguagem e a emergência da mente

O filósofo, partindo desta visão, concebe a mente como uma propriedade adicional que uma criatura dotada de sentimento adquire quando alcança a capacidade de se comunicar com outras criaturas viventes, ou seja, quando entra num quadro de interação organizada em que se desenvolve a linguagem ou a comunicação entre iguais. Assim, as qualidades do sentimento passam a significar diferenças objetivas entre as coisas externas: “este estado de coisas em que não se têm apenas sentimentos qualitativamente diversos, mas em que estes são significativos de diferenças objetivas, é a mente” (Dewey, 1958, p. 258). A partir de então, os sentimentos são capazes de ter e conferir sentido, recordar e prever. As diferenças de qualidade dos atos, quando empregadas como signos de atos já realizados e de atos que se realizarão, e como presságios de suas consequências, têm certo significado. Os sentimentos, enquanto significações diretas de acontecimentos e objetos, são sensações; com a linguagem, tais qualidades da ação orgânica diferenciam-se umas das outras, e são objetivas no sentido de que são traços diretos das coisas ao redor. Enquanto tais, não são, lembra Dewey, produtos de uma capacidade ou faculdade milagrosa da mente. As qualidades têm sempre relação com as interações entre as coisas externas e o organismo; permitem que a identificação e diferenciação das coisas funcionem como meios para uma interação ulterior que as envolva.

Quando o sentir passa a ter relação, através da linguagem, com um sistema de signos; quando se dá o nome de “fome” a certa qualidade da relação ativa entre organismo e ambiência, então se vê esta qualidade como uma exigência que faz o organismo de algo extra-orgânico. Chamar a uma qualidade “fome” é fazer referência a um objeto, um alimento, ou seja, àquilo que a saciará. Ademais, basta, segundo Dewey, uma breve observação do desenvolvimento psíquico da criança para se constatar que as qualidades percebidas organicamente – e nisto se inclui a atividade dos órgãos sensoriais – só se discernem quando empregadas para designar objetos, por exemplo, o azul como propriedade de um traje, e assim por diante.

As qualidades das situações, nas quais entram em interação organismos e condições circundantes, tornam-se capazes de atribuir sentido ao serem discernidas. O sentido é distinto do sentimento, pois é uma referência a alguma coisa, um traço qualitativo de algo. O sentido também é diferente do sinal; este, acrescenta-se, implica o uso de uma qualidade como signo de algo distinto, como quando o vermelho da luz é sinal de perigo¹. Já o sentido é uma significação direta e imanente; a apreensão da significação inteira de uma situação vivida é o sentido. “Sempre que uma situação possui esta dupla função de significação, a saber, a de sinal e a de sentido, está decididamente presente a mente, o intelecto” (Dewey, 1958, p.261).

A distinção que Dewey encontra entre o físico, o psico-físico e o mental é, portanto, relativa a uma complexidade crescente de interações entre eventos naturais. A “matéria” ou o “físico” é uma característica dos acontecimentos que se dão num certo nível de interação; não é em si uma existência. Não se trata, aqui, de considerar a matéria uma existência, e a mente uma essência. Para Dewey, o sentimento, o pensamento, a mente, como a própria vida, não são nunca independentes de acontecimentos físicos.

O sentimento, em específico, sempre se refere a uma qualidade adquirida por eventos que ocorrem em certo nível físico, quando tais eventos entram em mais delicadas relações de interação. Ou seja, o sentimento diz respeito ao surgimento de diferenças últimas entre os eventos, o que permite distingui-los eficientemente; diferenças das quais, no plano físico, só se pode falar ao se antecipar uma realização ulterior, ou quando são usadas diferentes fórmulas numéricas e diferentes posições no espaço – tempo.

As qualidades se tornam efetivas dentro das situações psico-físicas. Havendo a irritabilidade animal, pode uma qualidade como o azul ou qualquer outra cor incitar a um certo modo de ação; a qualidade tem poder seletivo e ainda sustenta certo modelo de organização das energias do organismo. Dewey, assim, volta a considerar a diferença entre um corpo vivo e psico-físico e um corpo inanimado dizendo que, enquanto o primeiro tem a capacidade de responder às qualidades, o segundo simplesmente não o faz. Devido a este tipo de resposta, as qualidades tornam-se produtoras de resultados e, portanto, têm fundamental importância quanto

¹ Em sua obra *Lógica – Teoria da Investigação* (1938), Dewey desenvolve no detalhe sua concepção do uso humano dos sinais ou signos: para ele, os *signos naturais*, ou o que ele mesmo chama de “par *signo-significado*”, permitem que o ser humano faça inferências que partem de objetos imediatamente presentes. É o caso quando estabelecemos que “isto” significa “aquilo”, ou seja, de um objeto presente pode-se inferir a existência de outro, como quando concluímos que a “fumaça é um signo *natural* do fogo” (Dewey, 1960, p. 51).

a seu potencial; isto é, ao produzir efeitos, conectam-se com certas consequências e se tornam também suscetíveis de significação ou cognoscíveis.

Nos organismos superiores, dotados de órgãos receptores de longo alcance, a diferença entre as qualidades é a base material da distinção entre atividades caracteristicamente preparatórias e consumatórias. No entanto, Dewey não entende os fins necessariamente como realizações ou consumações; podem ser simples suspensões, interrupções súbitas de atividades. Do mesmo modo, há atividades que se iniciam e que não são, em sentido algum, preparações; podem significar apenas reações ligadas a perturbações passageiras e sem consequências. Muitos eventos de tipo físico podem ser assim caracterizados, e tais fins e princípios permitem a Dewey distinguir estes eventos qualitativa e individualmente; mas enquanto tais não têm um caráter instrumental de realização. Segundo Dewey, é preciso que estas qualidades se realizem por meio da ação orgânica, dando origem a atos de utilização ou de adaptação, para que se convertam em uma série na qual, de fato, certos atos preparam e outros finalizam a ação/interação. Quando uma atividade original de contato estimula os órgãos receptores de longa distância, as respostas consequentes tendem a produzir-se de forma a dar lugar a novas atividades de contato que satisfarão a necessidade originária.

Esta série forma o material direto do pensamento quando advêm a comunicação social e o discurso: “o início não é só o termo inicial de uma *série* (enquanto distinta de uma *sucessão*), mas *significa* uma atividade subsequente que se move em direção a uma consequência da qual é o primeiro membro” (Dewey, 1958, p.270). Neste quadro, o último termo contém a significação do processo preparatório inteiro. Inverte-se, pois, o estado original do contato e das atividades de longo alcance. Quando a atividade é originada por objetos distantes, detêm-se as atividades de contato, que se tornam instrumentais, funcionando até onde for necessário para dirigir as atividades condicionadas pelo objeto distante. Emancipa-se, assim, a atividade orgânica em direção ao que está ao alcance do organismo no espaço e no tempo. O ser organizado passa a ser dirigido e não arrastado, e os objetos ao alcance têm importância em relação ao que aconteceu e ao que acontecerá. Neste ponto, Dewey encontra as bases orgânicas da memória e da expectativa. A subordinação das atividades de contato às atividades ligadas a um objetivo ulterior possibilita transcender o imediato, ou ainda, equivale à possibilidade de abstração, generalização e inferência; proporciona enfim o material para a relação entre o significante e a coisa significada, o que caracteriza o discurso. Com esta capacidade adquirida, dá-se a distinção entre sentido e significação. A significação é, então, aquilo que aponta para um sentido futuro ligado aos objetos de que o organismo se apropria no momento presente. As atividades em função de uma meta distante adquirem também certas qualidades devidas a consequências pretéritas de atos executados; possuem, assim, um certo sentido em si mesmas. No quadro teleológico apresentado por Dewey, tais atividades “tornam-se, portanto, finais, e as atividades de contato, instrumentais” (Dewey, 1958, p. 271).

Vale salientar que, na presente discussão, Dewey não admite a divisão tradicionalmente aceita entre corpo e mente, de acordo com a qual estes elementos seriam concebidos como essencialmente isolados um do outro. Não vamos, aqui, apresentar no detalhe a discussão que Dewey conduz a respeito. Basta apenas indicar que, para ele, tal isolamento ou divisão, presente tanto no campo da religião quanto no da filosofia, é um procedimento arbitrário que transforma em um problema

insolúvel algo que pode e deve ser compreendido a partir do ponto de vista da unidade orgânica.

Dewey faz uma recapitulação do processo pelo qual se desenvolve a mente, partindo de um dado empírico já suficientemente estabelecido, mas que o filósofo faz questão de reforçar: o de que a mente conhecida empiricamente está em conexão com um corpo organizado. Um corpo assim está em um meio natural com o qual mantém conexões de adaptação: as plantas com o ar, água e sol e os animais com todos estes e ainda com as plantas. Em qualquer nível, o organismo vivente, com seus processos vitais, conecta-se intimamente a um mundo ou natureza temporal espacialmente externa a ele, mas ligada a suas funções internas.

No nível humano, se os objetos ao redor, bem como os outros seres, se acham envolvidos nas funções da vida; se estas funções se desenvolvem a ponto de chegar-se ao pensamento; e se este é naturalmente parte de uma série da qual fazem parte também outras funções biológicas, então o pensar terá como seu objeto os eventos e conexões ao redor. E se o organismo humano serve-se de alguns de seus pensamentos como meios de manter suas funções, terão esses pensamentos, segundo o filósofo, os caracteres que definem o próprio conhecimento.

Em contraste com os organismos inferiores, têm as formas organizadas mais complexas órgãos receptores de longo alcance, que operam mais amplamente que os órgãos receptores de contato direto. A resposta ao que está próximo vincula-se de tal forma ao que se faz em resposta ao que está longe, que um organismo superior atua em relação ao que está ao redor como a uma situação única. Este tipo de organismo também age condicionado pelas consequências de atividades anteriores, o que permite o aprendizado e a formação de hábitos². Assim, um organismo atua com respeito a algo temporal, a uma ordem de acontecimentos em série, como a uma unidade, exatamente como faz com respeito a uma multiplicidade espacial unificada. Portanto, está implicado na conduta presente um ambiente externo e permanente: “a atividade chamada ‘orgânica’ não é apenas a das estruturas internas; é uma integração de conexões orgânico-ambientais” (Dewey, 1958, p. 279). Na visão de Dewey, encontram-se contidos no próprio pensamento fatos remotos, tanto espaciais quanto temporais.

É também fato empírico, recorda Dewey, que os animais entram em conexão mútua por meio de sinais, dentro de amplos esquemas de conduta. Em consequência disso, são distinguidos atos e resultados até que se torne possível produzir uma ação coletiva. No ser humano, esta função transforma-se em linguagem, em comunicação, e em virtude disso as consequências da experiência de um ser vivente integram-se na conduta de outros seres. A espécie humana se destaca aqui, pois com o desenvolvimento da linguagem escrita, ampliam-se as possibilidades desta integração – e aqui, Dewey considera completo o ciclo de integração objetiva no que diz respeito à conduta de um organismo particular inteligente. Não apenas seu próprio mundo espaço-temporal distante está articulado à sua conduta, como também o mundo de seus semelhantes. Quando consequências objetivas, a princípio não experimentadas e futuras para um

² Dewey, outra vez em sua obra *Lógica*, explica que o organismo passa por uma redistribuição em suas estruturas orgânicas assim que faz frente a situações experienciadas de tensão. Este tipo de modificação tem uma função específica: a de fornecer uma direção definida a ações posteriores, que se realizarão em similares condições ambientais. O hábito consiste, segundo nosso filósofo, em uma tal redistribuição capaz de condicionar toda ação futura (Dewey, 1960).

indivíduo A, são vivenciadas e transmitidas para outra criatura com a qual ele se comunica, dá-se a expectativa orgânica consciente, ou seja, os eventos e objetos futuros para um indivíduo B tornam-se realidades quase presentes para ele, no sentido de serem claramente previstas, antecipadas. Nessa direção, o aprendizado, a formação de hábitos e a comunicação são apontados por Dewey como significando, no caso do ser humano, uma integração de conexões orgânico-ambientais muito superior à dos animais carentes de linguagem.

III. O papel da comunicação na formação dos hábitos e a designação “corpo-mente”

Outro fato empírico é destacado por Dewey. A tendência à conduta repetitiva diminui diante de experiências novas. Prescindindo da comunicação, a formação de hábitos é prejudicada; a conduta torna-se limitada a canais abertos pela conduta anterior; assim, tende-se à regularidade monótona, e a aprendizagem ulterior torna-se mais difícil. Mas isto se dá com respeito a um só hábito isolado e não-comunicável. A comunicação possibilita não só a diversidade de hábitos, como ainda tende a ligá-los e a sujeitar a formação de um novo hábito, num caso particular, ao fato de que novas vivências problemáticas exigirão um novo uso dele. Vale destacar que, no capítulo segundo de sua obra *Lógica – Teoria da Investigação* (1938), Dewey concebe o hábito como aquilo que se forma em vista de possíveis mudanças e como algo que não se enrijece facilmente na conduta inteligente.

Um animal capaz de formar vários hábitos tem um número crescente de necessidades e de relações novas com o mundo ao redor. Todo hábito pede condições apropriadas para exercitar-se, e quando os hábitos são numerosos e complexos, como no organismo humano, tais condições requerem a busca inteligente e a experimentação. O organismo é obrigado a mudar de conduta e a sujeitar-se ao erro. Quanto mais se formam hábitos, maior é a sensibilidade e a capacidade de resposta, e maior, portanto, o aprendizado. Neste cenário, Dewey concebe a mente como um processo de registro, conservação e uso do conservado; concebe-a como abertura para a aprendizagem. Assim, seus traços empíricos são “os de uma corrente em movimento, de uma mudança constante que, não obstante, tem um eixo e uma direção, articulações, associações, assim como inícios, vacilações e fins” (Dewey, 1958, p. 282).

Já sabemos que, para Dewey, a vida não é simplesmente algo que transcorre debaixo da epiderme do ser organizado; é um fato muito mais amplo, que implica a interação do corpo orgânico com o que está fora no espaço e no tempo. Desta perspectiva, os atos orgânicos são, segundo o filósofo, uma espécie de pré-ação da mente; ocorrem como se fossem deliberados conscientemente, ou seja, inteligentes. Mas quando o ser vivente age, de fato, com inteligência, envolvido em situações de caráter discursivo, comunicativo e de participação, ele recebe de Dewey o qualificativo *corpo-mente*. Dewey explica que, em tal expressão,

designa ‘corpo’ o funcionamento contínuo e preservado, registrado e acumulativo de fatores em continuidade com o resto da natureza, inanimados tanto quanto animados; enquanto ‘mente’ designa os caracteres e consequências diferenciais, indicadores de traços que surgem quando o ‘corpo’ correspondente se acha em uma situação

mais ampla, mais complexa e de interdependência (Dewey, 1958, p.285).

Em resumo, a mente, para Dewey, enquanto cabedal de sinais e sentidos, tem seu surgimento condicionado pelas atividades orgânicas e psico-físicas, com todas as suas qualidades. Estas dão à mente sua base e inserção na natureza; dão às significações sua base existencial. Mas as significações e sentidos são também caracteres dos acontecimentos, que, ao incorporarem-se ao sentimento, transformam a ação orgânica, dotando-a de novas propriedades. Todo pensamento e toda significação tem seu substrato em algum ato orgânico de absorção ou rejeição, de estímulo ou resposta, etc.; tem suas raízes em algum ato definido da conduta biológica. Ademais, mediante a reatualização intra-orgânica de reações parciais a acontecimentos naturais e de reações concomitantes provocadas ou tidas pelos seres organizados, isto é, surgidas no trato e na comunicação, consegue-se antecipar os efeitos práticos das significações; ou seja, o organismo deixa de estar irremediavelmente sujeito a consequências físicas imediatas. Em outras palavras, Dewey vê o pensamento, a deliberação e a imaginação objetivamente dirigidos como eficazes funções adicionais ligadas aos acontecimentos naturais, e possibilitando, por isso, novas consequências.

Dewey também tem algo a dizer sobre a questão da *sede* ou *lugar* da mente. Ora, se para o filósofo a mente é simplesmente o conjunto das qualidades da ação orgânica condicionadas pela linguagem e suas consequências, então não se admite a hipótese de estar ela localizada no sistema nervoso, no cérebro ou onde quer que seja. O organismo, para Dewey, não é exatamente uma estrutura; “é uma forma característica de interatividade não simultânea, mas sucessiva” (Dewey, 1958, p. 292). O organismo é uma forma impossível sem estruturas constitutivas de seu mecanismo, mas difere de uma estrutura, assim como o ato de andar – exemplifica o filósofo – difere das pernas que andam. Já vimos que, antes da comunicação, as qualidades deste tipo de ação constituem o que Dewey chama “psico-físico”, ou seja, não são elas puramente mentais. A comunicação, então, quando surge, traz consequências que modificam todas as atividades orgânicas, dando-lhes novas qualidades.

Dewey toma como exemplo, neste ponto, o uso das palavras “amigo” e “inimigo”. Primeiramente, o filósofo considera que, em tal caso, há algo na ação orgânica que opera como substituto das remotas coisas significadas; assim, as palavras têm tanto sentido quanto alcance. Este algo não é precisamente e apenas a atividade do aparato laríngeo e de fonação. Quando se considera o curto-circuito da linguagem limitado a este aparato, afirma Dewey que as palavras são, então, como simples fichas usadas de modo automático, o que não caracteriza propriamente a linguagem. As ideias, portanto, são qualidades daquilo que acontece em todas as partes da estrutura orgânica envolvidas em situações reais de enfrentamento com amigos e inimigos, “provavelmente em receptores internos, com todos os mecanismos glandulares e musculares conexos” (Dewey, 1958, p. 292). Tais qualidades dão corpo e matéria à atividade do aparato linguístico. A integração das qualidades do aparato da fonação, aliadas por meio do mecanismo nervoso às qualidades de todos os acontecimentos exteriores envolvendo outros seres, constitui o sentido direto da amizade e da inimizade. Quanto mais íntima a aliança da emissão da voz com a disposição orgânica total relativa aos amigos e inimigos, maior é o sentido direto das respectivas palavras. Assim, para Dewey, o problema

de sede ou lugar da mente é um pseudo-problema: “o sistema nervoso não é em nenhum sentido a sede da ideia; é o mecanismo de conexão e integração dos atos” (Dewey, 1958, p.293). Segundo Dewey, problemas filosóficos como estes tendem a desaparecer quando valorizamos noções como processo, conjunto e integração, em vez de substâncias fixas e separações.

Para Dewey, enfim, a palavra mente só tem sentido quando as qualidades acima destacadas das atividades psico-físicas se encontram organizadas em uma unidade. A preocupação do filósofo, o tempo todo, é ressaltar as propriedades dos corpos viventes, e não introduzir na discussão qualquer entidade ou força sobrenatural, em si mesma misteriosa e separada do corpo. A mente, para Dewey, é uma organização livre, móvel e operante, capaz de funcionar como um acelerador; ela não se limita, nas palavras do filósofo, a “ser” viva; ela “dá” vida (Dewey, 1958, p. 294).

Conclusão

Torna-se claro, com tudo isso, o que dissemos no início deste artigo: a mente revela-se um instrumento indispensável na pesquisa humana efetiva, possuindo caráter teleológico. Emergindo do quadro de interação orgânico-ambiental, constitui-se na faculdade de atribuir a qualquer objeto ou situação vivenciada uma dupla função de significação, a saber, a de sinal (ou signo) e a de sentido. No contexto da comunicação e da linguagem, a mente permite ao ser humano, além da deliberação objetivamente dirigida a fins, também a flexibilidade dos hábitos e o aprendizado constante. Não obstante, nossa abordagem de como Dewey trata a questão geral da vida consciente ainda não está completa, pois o filósofo estabelece uma importante distinção entre a mente e a consciência, esta última também vista como tendo função essencialmente teleológica. Vemo-nos conduzidos, portanto, a abordar, em um artigo futuro, o ponto de vista do filósofo com respeito ao tema da consciência.

* * *

Referências:

DEWEY, J. **Reconstruction in Philosophy**. Mentor Book, The New American Library, 1950.

_____. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, 1958.

_____. **Como Pensamos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

_____. **Logic: The Theory of Inquiry**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1960.

_____. **Textos Selecionados**. Col. Os Pensadores, v. 40. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HILDEBRAND, D. L. **Dewey: A Beginner's Guide**. Oxford: Oneworld Publications, 2008.